

## ESTUDO DE PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS EMANCIPATÓRIAS PARA INFÂNCIA

Ivonice da Silva Nunes<sup>1</sup>

*Resumo:* O trabalho em questão pretende analisar as práticas de leituras emancipatórias desenvolvidas na Educação infantil que superem a reprodução das práticas literárias convencionais e possibilitem a emergência de abordagens alternativas ao modelo tradicional escolar, quebrando assim a barreira do adultocentrismo. Para tanto será realizada uma pesquisa de campo em uma Escola do Município de Alagoinhas-BA, com o intuito de identificar que práticas de leituras emancipatórias são desenvolvidas na Educação infantil que ultrapassem a reprodução e estimulem a criação, preservando as possibilidades de regionalidades e singularidades na formação literária da criança. Embasando-se teoricamente nos estudos sobre o letramento literário, o trabalho se constituirá através de observação da prática docente seguida de entrevista semiestruturada direcionada aos educadores, para um possível enfrentamento do material coletado à luz dos estudos culturais, tendo-se por hipótese que o potencial emancipatório da literatura literária pode ser um dispositivo de construção da autonomia leitora desde a pequena infância. O artigo escrito nesse momento se constitui como os primeiros passos para a construção do trabalho, trazendo alguns questionamentos e reflexões a partir das discussões estabelecidas nas aulas de metodologia da pesquisa a fim de evidenciar as contribuições teóricas que se fazem pertinentes à tarefa do pesquisador que aqui se delinea.

*Palavras-chave:* Leituras emancipatórias. Educação infantil. Prática pedagógica

### INTRODUÇÃO

Considerando as constantes transformações pelas quais a educação infantil tem passado, tanto no sentido de pensar a criança enquanto sujeito que integra o contexto sociocultural, quanto no sentido de entender que o desenvolvimento dos mesmos vai depender de processos ambientais que se estabelece desde a interação familiar até os primeiros anos escolares, ambos responsáveis pela construção da aprendizagem dos mesmos, e, levando-se em conta que a literatura, é um instrumento de extrema importância para o ingresso dos pequenos no seio da sociedade, tem-se a necessidade de um estudo das práticas de leituras desenvolvidas na escola que superem a reprodução das práticas literárias convencionais e possibilitem a emergência de abordagens alternativas ao modelo tradicional escolar quebrando assim a barreira do adultocentrismo. Nesse sentido entrelaçando os estudos teóricos acerca do letramento literário à prática pedagógica do professor da Educação Infantil numa perspectiva educativo-cultural de desenvolvimento da criança frente ao contato com a literatura, inscreveu-se no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural associado à linha 2: Letramento, identidade e formação de educadores o projeto *Estudo de práticas de Leituras Literárias emancipatórias para infância*, com o intuito de realizar uma pesquisa de campo para evidenciar que práticas de leituras emancipatórias são desenvolvidas na Educação

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica\ UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: nicynunes2009@hotmail.com.

infantil que ultrapassem a reprodução e estimulem a criação, preservando as possibilidades de regionalidades e singularidades na formação literária da criança.

É importante salientar que estando à pesquisa em processo de construção, muitos questionamentos ainda surgirão em detrimento das diversas leituras que estão sendo feitas ao longo dos semestres que se seguem, aqui se trata apenas do caminho que se está percorrendo para a futura escrita desse trabalho, o qual já passou e certamente passará por novas modificações.

Delineando metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, que será realizada em uma instituição do Ensino fundamental do Município de Alagoinhas- BA. No primeiro momento será realizado o levantamento da fundamentação teórica sobre o tema proposto, tendo em vista a leitura como alternativa de emancipação criativa e construtiva no contexto escolar. Em seguida, será construído um cronograma de observações de campo da escola a ser pesquisada, estudando-se o projeto político pedagógico da mesma no que se refere ao trabalho com a leitura literária. Posteriormente o trabalho seguirá com a elaboração de entrevista semiestruturada para os educadores, a fim de estabelecer relações entre a prática pedagógica com o referencial teórico trabalhado na pesquisa e por último realizar-se-á a análise do material recolhido nas entrevistas e observações para um possível enfrentamento destes com a prática docente evidenciando-se um estudo crítico dos dados coletados na perspectiva dos estudos culturais.

A princípio devo dizer que o interesse em estudar as práticas de leitura literária no contexto da educação infantil surge nesse momento como uma maneira de compreender o que é literatura para crianças e o que de fato se evidencia dentro das vivências escolares desses sujeitos em fase de construção identitária, familiar e social. A emergência da criança enquanto parte integrante da sociedade passou por diversas transformações ao longo da história. Atualmente, segundo Paheco (2014) a Educação Infantil vem se consolidando como uma área de conhecimento específica, na qual, aspectos ambientais que promovem ou põem em risco o desenvolvimento da criança na tenra infância são destacados.

De acordo com Faria (2003) a política nacional para Educação Infantil tem passado por mudanças, provocando alterações na metodologia de pesquisa na área, possibilitando que a criança possa ser vista como produtora de cultura, portadora de história e sujeito de direitos. Partindo do ponto de vista desse autor tem-se percebido que a criança passa a integrar o espaço social não mais como sujeito desprovido de algo que necessariamente precisa ser suprido pelo o outro, “o adulto”, mas sim do ponto de vista de suas necessidades e desejos que precisam ser satisfeitos a partir do convívio destes com outras crianças e com o próprio adulto.

Partindo dessa perspectiva e sabendo-se que o processo de ensino e aprendizagem da leitura literária no contexto escolar perpassa pela diversidade social e cultural da sociedade contemporânea, na qual a

inserção cada vez maior dos recursos tecnológicos tem contribuído cada vez mais para o apagamento do objeto livro na vida dos pequenos leitores, traçaremos a seguir algumas reflexões em torno das discussões que emergem sobre a Educação Infantil, principalmente as que dizem respeito ao ensino da literatura para a pequena infância, tendo em vista as contribuições das disciplinas trabalhadas no primeiro semestre, em relevância, Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural, a qual certamente tem sido a responsável por muitos dos questionamentos que refletirão ao longo de todo o processo de construção desse trabalho.

## **1 LITERATURA E INFÂNCIA: CAMINHOS E REFLEXÕES DE PESQUISA**

Quando me inscrevi no Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural da Uneb, campus II, não tinha ideia do que estava por vir nessa nova estrada acadêmica que se seguia, tanto, que o projeto inscrito para possível aprovação no programa fazia referência ao trabalho de pesquisa realizado entre os anos de 2014-2015 durante minha graduação nessa mesma Universidade, todavia ao deparar-me com as discussões teóricas das disciplinas do primeiro semestre, descobri que questionar simplesmente é pouco, refletir é um mero exercício de esforço mental. É preciso extravasar o ato de pensar, é preciso encontrar um ponto chave de desmantelamento do próprio pensamento crítico e como salienta o professor Dr. Osmar Moreira, é necessário que o desejo implique uma semiótica e que esta possa criar uma práxis política.

A princípio não entendia muito bem porque tanto ele se referia a ter um pensamento forte para combater a tripartição. Mas nesse exato momento, lembrando-me do meu primeiro projeto de pesquisa, no qual busquei compreender a construção da identidade leitora ao estudar a autobiografia literária do autor Miguel Sanches Neto, foi possível visualizar que de fato é preciso transbordar para além do papel o fruto de nossos trabalhos, fazendo-se necessário que enquanto pesquisadora eu possa como diz o referido professor, criar uma imagem do mundo e identificar todos os suportes e os lugares onde se nomeiam determinadas representações. Em vista disso pude evidenciar que dar continuidade ao projeto de pesquisa trabalhado na graduação através da proposta inserida no programa de mestrado em crítica cultural, seria apenas mudar o objeto de estudo, todavia, deixando o trabalho com o mesmo foco, ou seja, com o olhar da primeira experiência. Por essa razão em total acordo com as ideias e suportes construtivos da minha orientadora, considereirei assim com esta, necessário mudar o objeto de pesquisa, por pressupormos a necessidade de compreender como está sendo construída a identidade leitora dos sujeitos a partir do contato com o texto literário e justamente por esse motivo entender que para usufruir de bons frutos desse trabalho e torná-lo produto transformador de uma realidade sociocultural, é preciso estudar a base da formação leitora que se dá desde a mais tenra infância.

Nesse sentido implica-se a partir dessas suposições inscritas nas aulas de Metodologia da pesquisa os seguintes questionamentos como base para a construção do futuro trabalho. Qual o lugar da criança no campo sociocultural da sociedade contemporânea? Qual o lugar da infância no contexto escolar e familiar, considerando as novas configurações de família e escola do século XXI? Cabe à criança enquadrar-se ao modelo representativo do adultocentrismo? Ou cabe ao adulto compreender o tempo-espço da infância para produzir novos conhecimentos? É preciso literatura para a menor infância ou é preciso à singularidade da criação, a arte se reinventar o campo político cultural para situar o lugar da criança enquanto sujeito produtor de cultura? Quais os fundamentos que sustentam a prática pedagógica para o ensino de literatura infantil, frente às novas demandas tecnológicas? O aparato pedagógico tem se sustentado a partir de reprodução ou ruptura ao modelo eurocêntrico?

Esses questionamentos servirão a princípio para nortear os primeiros passos da pesquisa, no sentido de que enquanto pesquisadora, eu não me perca nos obstáculos epistemológicos da primeira experiência como nos afirma Bachelard (1938) agarrando-me aos conhecimentos primários como únicos e verdadeiros, construídos a partir de opiniões, sem dar espaço para as novas descobertas. Todavia, que a mesma consiga a partir do campo da pesquisa e dos conhecimentos empíricos produzir uma nova base de desconstrução a toda e qualquer forma representativa de um modelo que se supõe inviabilizar a construção do conhecimento como instrumento de potência do sujeito enquanto produtor da esfera social e cultural.

A importância das discussões desse autor na construção desse trabalho se constitui tanto pelas colaborações que o mesmo traz no que diz respeito aos obstáculos epistemológicos do campo da pesquisa e do conhecimento científico, quanto da abordagem que ele traz sobre a infância em seu livro *“A poética do devaneio”* (2009) no qual se tem como princípio a existência de uma infância como núcleo de permanência da alma humana, disfarçada em história e que só apresenta um ser real através de um instante poético. Desse ponto de vista, se o intuito da pesquisa é por em questão o lugar da infância dentro de um contexto, cujas necessidades de se pensar a construção das bases educativas se faz urgente, nada melhor que dialogar com os estudos de Bachelard (2009) como aporte para compreender a infância em sua posição de ser e estar no mundo, levando-se em consideração sua capacidade de imaginação e invenção de um mundo que se faz somente seu, fruto de seus devaneios e que é consolidado através de suas vivências entre fantasia e realidade.

Para dar visibilidade ao trabalho do ponto de vista do letramento literário, faz-se importante abordar as discussões pertinentes trazidas por Kleiman (2005) e Soares (2003) uma vez que as autoras trabalham com o letramento do ponto de vista social, considerando relevante o uso que os sujeitos fazem da leitura e escrita em seus respectivos contextos sociais. Todavia, é preciso dizer que o recorte desses estudos entrelaçados aqui trata do contexto do letramento literário para infância, ressaltando que esses sujeitos

ainda não escrevem e nem leem o código linguístico, mas são capazes de interagir e fazer leituras fantásticas através das possibilidades trabalhadas pelo professor, utilizando-as em suas vivências e relações com a linguagem, esta, que é condição necessária para inserção do homem na história, como nos afirma Agamben (2005), visto que é na e através da linguagem que os sujeitos se constituem enquanto tal e representam-se socialmente.

Segundo Cosson (2006) o letramento literário diferencia-se dos outros tipos de letramento, pois a literatura ocupa lugar único em relação à linguagem, uma vez que cabe a arte literária o papel de tornar o mundo compreensível através da transformação de sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas.

Desse ponto de vista entendendo a complexidade das relações humanas, bem como as dificuldades que possivelmente se evidenciam no trabalho com texto literário em sala de aula, uma vez que a institucionalização do saber desconsidera as subjetividades dos sujeitos ali inseridos, para moldá-los a normatividades postas e creditadas como única maneira de inserção do indivíduo na sociedade, busca-se com essa pesquisa encontrar caminhos horizontais para visualizar as práticas docentes na Educação Infantil, sem se prender a estruturas fixas e sem destruir a experiência do prazer. Considerando as discussões teóricas dos autores Deleuze e Guattari (1995) como proposição para pensar a condição de se trabalhar com a literatura desde a menor infância, entende-se que é necessária a ruptura da verticalidade do conhecimento produzido e a desconstrução de regras e conceitos de unicidade de modo a vislumbrar novas perspectivas sobre o texto literário, para que através das leituras emancipatórias para a infância, o docente seja capaz desmontar criticamente toda e qualquer forma de dominação, podendo construir a partir da arte literária novas significações do contexto político e social no qual se insere e se pensa a Educação Infantil.

## **2 INFÂNCIA E LINGUAGEM: O LUGAR DA EXPERIÊNCIA**

Tecendo algumas considerações sobre os autores inseridos no programa de mestrado em crítica cultural e colocando em foco meu objeto de pesquisa, trago a seguir as contribuições de Agambén (2005) a partir do texto “Infância e História: Ensaio sobre a destruição da experiência”, como o primeiro texto norteador deste trabalho, por considerar que tratando-se de um tema que põe em questão discussões sobre a infância, não poderia deixar de entrelaçar aos meus questionamentos às colaborações desse autor, pois, ao problematizar sobre a perda da experiência do homem contemporâneo, enfatizando que a experiência na modernidade foi substituída pelo conhecimento, o autor, nos permite compreender que o homem não nasce já falante, que antes, tenha tido uma (in-fância) ou seja, sem fala e é justamente esse fato que explicita os limites da linguagem, de modo a não considerá-la como uma totalidade, muito menos

como uma verdade última do sujeito, pois, sem a experiência, não poderíamos pensar uma infância do homem e se assim fosse “a língua seria um “jogo”, cuja verdade coincidiria com o seu uso correto segundo regras gramaticais” (AGAMBEN, 2005, p. 62). Dessa maneira, a infância, antes de ser uma etapa cronológica, como habitualmente é concebida, torna-se para esse autor como uma condição da experiência humana que se apresenta como tensão constante na passagem entre experiência e linguagem.

Nesse sentido, reportando-me ao meu primeiro trabalho de pesquisa, já citado anteriormente, quando a partir da leitura do livro *Herdando uma biblioteca*, pude evidenciar através da escrita autobiográfica de Miguel Sanches Neto, os conflitos e percursos de sua construção leitora, e, percebendo a infância como solo da “experiência muda”, como nos diz Agambén (2005) é possível salientar que se o mesmo foi capaz de rememorar sobre determinado período de sua vida, expondo fatos que estavam guardados em seu inconsciente foi justamente por ele ter sido capaz de acionar o infantil, voltando ao passado carregado de acontecimentos e referências, de inscrição e presença do outro e as marcas deixadas por este em sua vida, pois, “experienciar significa, portanto, necessariamente voltar a acionar o infantil, essa pátria transcendental da história” (AGAMBÉN, 2005, p.65) que permite ao homem de modo atemporal instituir o ponto de abertura para o singular da enunciação, através do encontro com o mutismo do outro, o sujeito da infância, ou seja, aquele que determina os limites do campo da linguagem e que permite ao sujeito sua entrada na história, de maneira que como nos afirma o autor, é na linguagem que o sujeito tem o seu lugar de origem e somente através dela é possível configurar a apercepção transcendental como um eu penso.

Nesse aspecto, Agambén (2005) salienta ainda que a infância instaura na linguagem a cisão entre língua e discurso, sendo a língua o fator que diferencia o homem do animal, uma vez que os animais não se inserem na língua, pois estão já sempre nela e o homem, todavia, não sendo já sempre falante, instaura sua historicidade na medida em que possui uma infância, esta que cinde a língua e fala abrindo à história o seu próprio espaço. Dessa maneira tem-se que pensar o campo da educação infantil remetendo-a as discussões estabelecidas por Agambén (2005) sobre o problema da experiência, significa que devemos entender a infância como a origem da linguagem e a linguagem como origem da infância, tendo em vista que ambas se remetem num ciclo que as tornam uma só e como o próprio autor salienta, talvez seja neste círculo que devemos procurar o lugar da experiência enquanto infância do homem, tendo em vista que:

[...] a experiência, a infância que aqui está em questão, não pode ser simplesmente algo que precede cronologicamente a linguagem e que, a uma certa altura, cessa de existir para vesar-se na palavra, não é um paraíso que, em determinado momento, abandonamos para sempre a fim de falar, mas coexiste originalmente com a linguagem, constitui-se aliás ela mesma na expropriação que a linguagem dela efetua, produzindo a cada vez o homem como sujeito (AGAMBÉN, 2005, p. 59).

Em vista disso percebemos que não há como separar o homem da linguagem, não existe essa experiência pura, muda, muito menos uma infância humana destituída da linguagem, pois “é um homem falante que nós encontramos no mundo, um homem que fala a outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem” (AGAMBÉN, 2005, p. 60), [...], por mais que remonte ao passado, a linguística não chegará nunca a um início cronológico da linguagem, sem que esta esteja na origem da própria história humana. Desse ponto de vista, as questões que versam sobre a Educação Infantil deve buscar compreender que as crianças constroem suas relações com o outro e com a própria linguagem a partir de suas vivências.

No passado, o cotidiano era considerado como a fonte primária da experiência que as gerações transmitiam umas às outras através da imitação do aprendizado, da continuidade dos saberes e fazeres, de modo a primar pela autoridade da experiência, hoje o passado não é mais transmissível enquanto tradição compartilhável, visto que a transmissão da experiência foi substituída pelo experimento, o conhecimento da idade moderna é proporcionado pela ciência, deixando de lado a capacidade de vivê-las e transmiti-las. Assim tendo em vista o processo de aquisição da leitura no contexto da infância torna-se importante ressaltar sobre o lugar dessa experiência no contato com a leitura. As crianças precisam viver, enxergar, sentir, cheirar e imaginar todas as possibilidades de leitura e isso só é possível quando as mesmas têm a oportunidade de experimentar a vida através da leitura de mundo, esta, a qual nos diz Paulo Freire, precede a leitura da palavra.

Percebe-se, porém que essa modernidade instaurada e consolidada pelo sistema capitalista ao passo que aproxima os sujeitos do processo de desenvolvimento tecnológico afasta-os cada vez mais de sua capacidade de ter experiência, e isso, observa-se, tem afetado não só os adultos, mas também às crianças. A infância do século XXI começa a “ler” muito cedo, nos celulares, nos tabletes, nos computadores, todavia, a essas leituras, podemos chamar de simbólica, capazes de levá-los a qualquer lugar do mundo, sem que necessariamente estejam em lugar algum, leituras essas que limitam as emoções e furtam as sensações, tendo em vista que a experiência da vivência foi substituída pela representação limitada do conhecimento a partir do experimento. No mundo moderno, já nos é dado pronto o conteúdo e a experiência, tornando-nos incapazes de traduzi-los em fala. Nesse sentido como nos afirma Castro (2013) a experiência singular, o acontecimento nem antecipável, nem repetível que transforma uma vida, foi expropriada da modernidade, provocando nos sujeitos cada vez mais a incapacidade compartilhá-las.

Segundo Agambén (2005) uma experiência, tem seu correlato na autoridade da palavra e da fala, não no conhecimento. Essa autoridade hoje foi expropriada do sujeito, permitindo que a experiência se efetue sempre fora do homem. Nesse aspecto pensando o papel da docência e refletindo sobre como os professores têm transmitido experiências de leituras para os pequenos em sala de aula, compreende-se que é preciso mais que valer-se da produção dos conhecimentos alheios, capturados e repassados

automaticamente de forma repetitiva e técnica sem que antes seja feita alguma reflexão, sem que antes esses saberes tenham se tornado experiência para o próprio professor, uma vez que deixando este de experimentar, ou seja, de se apropriar significativamente dos eventos de leitura, perde a autoridade e a capacidade de ser sujeito de sua própria experiência, de modo que a autoridade deixe de ser vivenciada enquanto experiência e passe a ser entendida apenas do ponto de vista do que fora conhecido enquanto conhecimento adquirido por meio da instrução ou do reconhecimento dos saberes produzido fora do sujeito.

A infância, da qual jamais alcançaremos uma visualização plena, posto que as mesmas são já desde muito pequenas moldadas a representar a caricatura do adulto, perdeu-se nesse invólucro social do consumo, não brinca mais de pique esconde, nem desenha um sol na terra para que a chuva cesse de chover e a brincadeira possa continuar, a criança dessa sociedade ver televisão como o melhor dos entretenimentos e os aparatos tecnológicos, como celulares e computadores são as ferramentas de suas brincadeiras, assim ao contrário da infância idealizada pelos humanistas durante séculos como:

Essa alma sem linguagem, afásica, titubeante, soçobrada, atordoada, descompassada, colecionadora, sonhadora, ingênua, metida para si em seu próprio mundo, enroscada nas próprias sensações, corresponde a uma época distinta da de hoje. Não sobreviveu à globalização, à escolarização cada vez mais precoce, nem às imagens pervertidas da publicidade, nem às representações *naïves* que todos reproduzimos. Não sobrevive nem a demasiada fome nem ao demasiado consumo. Torna-se outra coisa. Algo uniformemente informe. Algo que não é a “criança hoje na escola” (XAVIER; KOHAN, 2012, p. 15).

Nessa perspectiva colocando em foco as questões que tentarei elucidar nesse trabalho sobre as leituras emancipatórias para infância, salienta-se o quanto necessário é essa construção da experiência com a leitura no contexto da sala de aula, principalmente levando-se em consideração a capacidade que as crianças têm de reconstruir os sentidos, de dar formas, cores, odores e sabores a cada texto lido, a cada história contada, fazendo uso das mesmas nas leituras de suas vivências, nas relações que estabelecem consigo mesma e com o outro. Em vista disso, refletindo sobre o lugar da infância tanto no contexto familiar, quanto no contexto da escola e da sociedade, e reconhecendo a escola a partir do que nos ressalta Xavier e Kohan (2012) como o lugar aonde a maioria das crianças vão para se tornarem adultos homens, sobretudo, brancos, normais, com futuro laboral, aptos a se tornarem mais velhos, a trabalhar, a adequar-se, a normalizar-se e viver nas grandes cidades, reafirma-se aqui a importância do experimentar essas leituras na sala de aula partindo de um ponto de desconstrução dessas regras e normas pré-estabelecidas para manipulação e dominação dos sujeitos.

A infância precisa do seu tempo, do seu lugar de existência, de experiência, para que o futuro adulto não se deixe atropelar pelo veículo do tempo corrido, da vida gasta pelo trabalho, da rotina que mata e expropria a capacidade de compartilhar momentos. O homem moderno como nos diz Agamben “volta pra



casa à noitinha, extenuado por uma mixórdia de eventos- divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozés, entretanto nenhum deles tornou-se experiência” (2005, p. 22). Pensar o contexto da educação infantil, diante de todos os obstáculos vistos como destruidores da experiência, significa pensar em primeira instancia num desmonte desse sistema que impera como soberano, como feroz consumidor da ludicidade e do prazer. Tendo em vista que a ciência moderna destruiu a experiência para dar lugar à condição do conhecimento através do experimento, entende-se que a condição para o homem contemporâneo voltar a experienciar se dá somente e através do retorno à infância. Pois como salienta Silva (2013) àquele que se permite viver a experiência com a infância é o que não fala tudo, nem pensa tudo e não sabe tudo, mas que pensa de novo e faz pensar de novo, permitindo-se fazer um *experimentum linguae*.

O retorno à infância do homem esta no ato de se expropriar da experiência, essa que em nada os faz experienciar, que atropela o tempo numa velocidade de fatos e acontecimentos rotineiros e doentios. A verdadeira experiência do homem está na capacidade de transformar a vida a partir da criação, da imaginação, do poder inventivo, na capacidade de construir e produzir sentidos, novos modos de se romper o pensamento regrado, alienado pelo sistema dominante e essa forma de conduzir o mundo só à infância consegue acessar. Nessa perspectiva o papel do educador faz-se de extrema importância no sentido de que este possa experimentar juntamente com as crianças através do exercício da experiência novas possibilidades de significar e trabalhar com a leitura do texto literário na sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Posto em reflexão o objeto de estudo em questão, é preciso salientar que pensar as práticas de leituras literárias emancipatórias para a infância significa a princípio buscar compreender os caminhos históricos que perpassam a definição de Educação Infantil, principalmente no que tange o contato da criança com a literatura, pois, como salienta Charréu (2014) uma literatura de qualidade para a infância deve ser experienciada e proporcionada desde os primeiros ciclos educativos, visto que é parte significativa para a formação da subjetividade dos pequenos enquanto futuros leitores. Em vista disso, muitas discussões precisam ser estabelecidas se pensarmos que lidamos não apenas com a necessidade da criança em seu potencial de formação leitora, mas também lidamos com a práxis docente e com a estruturação do modelo pedagógico trabalhado em sala de aula.

Nesse contexto, faz-se necessário dizer que o processo histórico que por muito tempo considerou a criança como mera reprodução da imagem adulta, passou por inúmeras transformações e que a partir delas começa-se a considerar a relevância de inseri-las no seio social como novos consumidores do produto

cultural, é justamente nesse momento que se faz importante repensar as bases da Educação Infantil, onde se delineiam as condições sociais para a emancipação do discurso que implicará na percepção desse novo sujeito atuante e, por conseguinte consumidor dessa “cultura literária”.

Por tanto a proposta dessa pesquisa é justamente ir a campo evidenciar quais as práticas de leituras literárias emancipatórias estão sendo trabalhadas no contexto da Educação Infantil que desconsidere o modelo tradicional escolar do ensino de literatura e recrie um novo espaço-tempo de aprender a ler e principalmente que busque promover o empoderamento desses sujeitos, enquanto futuros leitores dentro e fora da sala de aula, partindo da condição de viver e compartilhar experiências, sendo esta, condição necessária na prática do educador construindo novas estratégias do saber produzido na infância e para a infância.

#### REFERÊNCIAS:

- AGAMBÉN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico. In: BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço (coleção os pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural. In: <http://docs12.minhateca.com.br/854235749,BR,0,0,Cole%C3%A7%C3%A3o-Pensadores--Bachelard.pdf>. Acesso em: 5 de set. 2017.
- CASTRO, Edgardo. *Introdução a Giorgio Agamben. Uma arqueologia da potencia*. (trad. Beatriz de Almeida Magalhães) Belo Horizonte: Autentica 2012. In: [file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A\\_mensagem\\_errada\\_risico\\_censura\\_e\\_a\\_lut.pdf](file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A_mensagem_errada_risico_censura_e_a_lut.pdf). Acesso em: 15 de ago. 2107.
- CHARREU, Leonardo. *Arte, ilustração e literatura para a infância: Temas essenciais na educação infantil*.Org. Lilian Miranda Bastos Pacheco. Salvador: EDUFBA, 2014.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- KLEIMAN, Angela B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Linguagem e letramento em foco*. Cefiel/ Unicamp, 2005-2010.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- SILVA, Anilde Tombolato T. da. *Experiência e linguagem. Um pensar sobre a infância*. Londrina. Seminário 16º COLE. Vinculado: 13. V Seminário: Linguagens e Educação. 2013. In: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss02\\_05.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss02_05.pdf). Acesso em: 5 de set. 2017.
- XAVIER, Ingrid Muller; KOHAN, Walter Omar. *Filosofar: aprender, ensinar. Infância e alteridade*. Belo Horizonte: Autentica 2012. In: [file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A\\_mensagem\\_errada\\_risico\\_censura\\_e\\_a\\_lut.pdf](file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A_mensagem_errada_risico_censura_e_a_lut.pdf). Acesso em: 15 de ago. 2017.